

Título	Sobre Maria João Cantinho, <i>Sílabas de água</i> . Ver o Verso, Maia, 2005
Autor	Rui Magalhães
Keywords	Poesia Literatura Portuguesa Contemporânea Maria João Cantinho
Origem	Texto inédito, lido na apresentação pública do livro
Referência	<a href="http://sweet.ua.pt/~f660/docs/MJC_Silabas.pdf">http://sweet.ua.pt/~f660/docs/MJC_Silabas.pdf</a>

©Rui Magalhães – Uso livre, indicando a fonte

Seguramente que apresentar um livro de poesia é uma das tarefas mais árduas que se podem imaginar. Porque a poesia é criação de um não apresentável através de instrumentos que só funcionam na medida em que são sistematicamente negados: a língua e o pensamento.

A poesia de Maria João Cantinho é, neste sentido, uma poesia essencial e, também, inactual.

Contra uma certa tendência da poesia contemporânea de se ligar ao quotidiano, numa ânsia insensata de realismo, a poesia de Maria João Cantinho é, decididamente, uma poesia de ideias que coloca os indivíduos perante a sua própria existência, mas que, nesse mesmo movimento, os afasta da existência funcional, colocando-os perante uma interrogação essencial para a qual não existindo, certamente, respostas, é preciso inventar caminhos de compreensão e de expressão.

Maria João Cantinho sabe que o mais concreto apenas se alcança no final da maior abstracção, e que só isso permite ultrapassar os limites das enunciações supostamente naturais, afinal sempre indicadas por um poder, por uma qualquer instância que obriga a dizer, que constrói evidências.

Restos de uma língua adâmica, dir-se-ia, utilizando uma linguagem cara à autora ou fragmentos de uma língua impossível e inexistente, estes poemas são testemunho de uma existência que luta contra a escuridão, mesmo – talvez sobretudo – quando essa escuridão é algo que lhe pertence.

Por isso nunca esta poesia é feita de palavras, mas sempre de algo que é simultaneamente menos e mais do que palavras: sílabas e ideias, fragmentos de mundos e de existências.

Eis porque a leitura destes poemas implica compreender o estatuto das ideias, o modo como se tornam sensações e acontecimentos, como rompem a lógica oposicional do abstracto/concreto numa materialidade que torna o abstracto e o concreto casos específicos e ocasionais, ideias que mesmo quando se apresentam como tal nunca são apenas ideias – ou não seriam poesia – mas sempre emoções que, todavia, precisam de ser reconstituídas no seu sentido mais radical pelo próprio leitor.

Há neste livro a tentativa de recuperação de um primordial onde os seres e as relações não estão ainda contaminados pela funcionalidade do mundo. Um mundo antes do mundo, os sentimentos e as sensações antes de se terem tornado convencionais.

Ao mesmo tempo, o livro de Maria João Cantinho traz-nos uma diferente e mais profunda concepção de originalidade. A originalidade em poesia é, creio eu, uma coisa muito diferente do que normalmente se entende por esse termo. Não se trata de nada que se assemelhe à novidade, que sempre se liga directamente ao funcional, mas antes o que resulta de um verdadeiro confronto com o impossível de ser e de dizer, quando a voz pessoal do autor se compromete com algo que é, necessariamente, maior do que ela. Esse fracasso é, como em Blanchot, a própria matéria, o corpo e a alma de um movimento cuja beleza essencial consiste no jogo permanente entre a luz e a escuridão, entre as alturas e os abismos.

Esse mundo inacessível todavia, só o podemos tocar através de uma espécie de estilhaçamento do eu e de todas as suas imagens.

De todas as formas,  
este é o meu modo de ser,  
improvável lugar entre as dunas e perfeição do céu  
o meu modo de ser estilhaçado,  
perdido num mapa que trago oculto sob a língua,  
esta cartografia secreta,  
onde concentro a esperança  
no fogo da palavra, em sílabas de luz (13).

Por isso, o corpo “avança contra a escuridão” (14).

Esse movimento é também o da escrita:

É preciso que a mão escreva o sonho  
que tecem os animais na solidão,  
enquanto a morte borda o tempo (56).

Movimento, pois, contra a morte que supõe o encontro com o outro:

O teu rosto traz-me a claridade do dia  
quando ainda é noite em mim,  
cintilante, o fio da tua voz cai  
nas minhas mãos vazias  
como a chuva abençoa a terra (57).

Não se pense, no entanto, que se trata de um movimento em direcção a uma transcendência radical. Pelo contrário, pode ser no mais simples que se revela a verdadeira diferença:

As minhas mãos procuram o lugar  
onde deter-se. Às vezes é preciso pôr uma pedra  
sobre o futuro, calar a profecia  
e deixar ressoar o que sempre foi  
tão simples: o cheiro do pão,  
acabado de fazer, no começo  
das manhãs, imersas na bruma (81).

Ou

Olha como a magnólia  
pulsa, não digas a solidão,  
não digas nada, ouve, apenas (97).

Estes poemas são, pois, feitos de uma diferença, de um abismo.

São, às vezes, também invocação das palavras, dessas sílabas que, pelo seu rigor, têm o poder de criar a vertigem que abre portas e mundos, que lança o indivíduo num espaço onde se joga a natureza íntima e última dos seus limites:

Dai-me o exacto exercício das palavras  
flores de carne, sangradas  
até à minúcia. Rigorosas.  
Mas como dizer a dança  
da luz, sobre os teus passos,  
o riso, a errância dos gestos  
sem que as metáforas destruam a exactidão  
e a música se enrole nas sílabas,  
como dois amantes  
esquecendo a dualidade,  
entrando na vertigem da unidade? (100).

Claro que, em última instância, sendo o que acabo de dizer uma tentativa de apresentação é, afinal, um obstáculo à compreensão/fruição destes poemas. É uma visão necessariamente exterior daquilo que eles são mas apenas do que julgo que eles querem dizer, sem o dizerem claramente.

Para quê palavras, se o poema é o círculo de fogo,  
que os teus dedos gravam na minha pele,  
assinando a vertigem, o exílio deste canto? (68).

O que verdadeiramente importa é este “círculo de fogo”, estes dedos e esta pele, a vertigem e o canto. É para isso que vos convido. Para a leitura destes fragmentos de existência que Maria João Cantinho nos oferece e que devemos agradecer-lhe.